

---

# ATUAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

---

*Performance of the librarians in distance education in Brazilian universities*

---

**Paula Pinheiro da Nóbrega (1), Gabriela Belmont de Farias (2),  
Andréa Soares Rocha da Silva (3)**

(1) Universidade de Fortaleza (Unifor), Brasil, ppnjc@hotmail.com

(2) Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil, gabibfarias@gmail.com

(3) Universidade Federal do Ceará (UFC), Brasil, andreasrs07@gmail.com



## Resumo

O presente artigo tem o objetivo de compreender a atuação dos bibliotecários no contexto da educação a distância em instituições de ensino superior brasileiras, considerando ações de ensino, pesquisa e extensão. Caracteriza-se por um estudo de campo realizado com bibliotecários de seis cidades brasileiras; usa o método de análise de conteúdo e apresenta categorias que traduzem a sua prática profissional. No tocante à atuação dos bibliotecários na EaD, dos seis bibliotecários participantes da pesquisa, quatro profissionais falaram que exercem a atividade inerente à sua formação básica; um afirmou estar trabalhando como *designer* instrucional, e o outro disse que soma dois papéis, o de tutor e o de conteudista. Concernente ao público que os bibliotecários atendem, foram citados seis perfis de usuários: coordenador de EaD, professor conteudista, professor-tutor, *designer* instrucional, bibliotecários e alunos de EaD. Quanto à percepção dos bibliotecários sobre a sua participação na EaD, eles têm uma visão positiva a respeito da sua atuação e confirmam a sua relevância dentro das equipes de EaD. Infere-se, então, que os bibliotecários podem ocupar e assumir outros papéis como profissionais da informação no contexto da educação a distância, tais como: professor, tutor, *designer* instrucional, dentre outros.

**Palavras-chave:** Biblioteconomia; Bibliotecários; Educação a distância; Ensino superior.

## Abstract

This article aims to understand how librarians work in the context of distance education in Brazilian universities, considering teaching, research and extension actions. It is characterized by a field study carried out with librarians from universities in six Brazilian cities; it uses the content analysis method and presents categories that reflect their professional practice. Regarding to the role of librarians in distance learning, of the six librarians who took part in the research, four said that they carry out this activity as part of their basic training; one said that he was working as an instructional designer, and the other said that he plays two roles: tutor and content designer. With regard to the public that librarians serve, six user profiles were mentioned: distance learning coordinator, content teacher, teacher-tutor, instructional designer, librarians and distance learning students. Regarding to librarians' perceptions of their participation in distance education, they have a positive view of their role and confirm their relevance within distance education teams. It can therefore be inferred that librarians can occupy and take on other roles as information professionals in the context of distance education, such as: teacher, tutor, instructional designer, among others.

**Keywords:** Librarianship; Librarians; Distance education; Higher education.

## 1 Introdução

---

No momento em que se decide pela idealização, planejamento e implementação de cursos, treinamentos, aperfeiçoamentos, capacitações na modalidade Educação a Distância (EaD) *on-line*, surge a necessidade de seguir requisitos com o intuito de alcançar um processo de ensino-aprendizagem de qualidade e, conseqüentemente, obter resultados satisfatórios. Todavia, há de se considerar esse processo como algo bastante complexo, pois envolve vários aspectos, “atores” e ações.

Um dos aspectos a observar está no fato de que é preciso o empenho de toda a equipe multidisciplinar, no sentido de lograr êxito quando houver a pretensão de criar e implantar um projeto na modalidade EaD. Outro fator relevante diz respeito à elaboração de conteúdos didáticos, os quais devem ser claros e objetivos, para que cada discente consiga apreender os conhecimentos embutidos neles e entenda o paralelo entre o que foi estudado e a realidade vivenciada na sociedade, gerando, então, mudanças que visem a melhorias na vida dos sujeitos.

Entretanto, a atividade de desenvolver conteúdo é uma ação difícil e abrangente, porque exige do professor, além de conhecimentos especializados (teóricos e práticos), a percepção sobre o público que utilizará as informações dispostas naquele conteúdo. E mais, torna-se primordial que o docente desenvolva ou selecione materiais didáticos e de apoio que sejam adequados aos

objetivos educacionais estabelecidos para aquela ação formativa, bem como aos estilos de aprendizagem de cada indivíduo. Reiterando a importância de selecionar materiais educacionais, Lima *et al.* (2016) descrevem que a essência do conteúdo é fundamental para a formação dos estudantes, daí a importância de o docente conhecer o perfil e a necessidade dos seus alunos, a fim de elaborar um material contextualizado à realidade em questão.

Portanto, além do professor e do aluno, para que o referido processo aconteça eficientemente, somados a eles estão os demais profissionais que compõem a equipe multiprofissional que atua na EaD, sobretudo no cenário da produção de aulas, como é o caso dos *designers* gráficos, programadores e bibliotecários.

Particularmente o bibliotecário, por organizar, gerenciar e disseminar informações, ocupa um papel relevante dentro dos processos educacionais. Aliado a essas habilidades técnicas, ele dispõe de competências que auxiliam no discernimento a respeito dos usuários de uma comunidade. Uma delas é a competência em informação. Lucca, Pinto e Vitorino (2019 p. 186) afirmam que:

A competência em informação, que teve origem no mesmo contexto da educação de usuários – o contexto da explosão informacional – também tem sua história atrelada ao “fazer” bibliotecário. Compreende o sujeito além de um usuário dotado de uma necessidade a ser atendida por meio da informação: trata-se, nessa concepção, de um ser social, participante da esfera pública, que vivencia situações análogas passíveis de serem solucionadas por meio da informação.

A partir da competência em informação, no caso da EaD, as autoras do presente artigo acreditam que o bibliotecário poderá identificar os perfis dos aprendizes, facilitando o trabalho do professor conteudista, o qual direcionará melhor os conteúdos e escolherá os materiais de acordo com o que os aprendizes buscam. Corroborando a assertiva, no campo de estudo de usuários, que também é uma disciplina vista nos currículos de Biblioteconomia no país, esta fornece bases para que o bibliotecário trace o perfil do público o qual está atendendo, sendo uma ação crucial para conhecê-lo mais detalhadamente e para que as suas necessidades de informações sejam satisfeitas (Cunha; Amaral; Dantas 2015).

Reforçando, o bibliotecário pode incrementar e contribuir para a melhoria contínua do processo de ensino-aprendizagem em EaD, isso porque ele traz em seu escopo profissional um

conjunto de saberes advindos dos conteúdos estudados nas disciplinas durante a sua formação universitária. Deste modo, além de estudo de usuários, disciplinas como formação e desenvolvimento de coleções, catalogação, classificação e indexação, por exemplo, podem subsidiar a implementação de bibliotecas digitais, acervos cruciais para o aprofundamento dos discentes e docentes no que concerne às teorias. Assim, é essencial o bibliotecário ter saberes ligados às tecnologias educacionais, conforme considera Soares, Luce e Estabel (2022).

Outra disciplina que contribui para a atuação do bibliotecário na EaD é a Editoração, pois quando os professores vão usar materiais didáticos, precisam decidir se utilizarão recursos didáticos já existentes ou se criarão os seus. Então, o bibliotecário poderá orientá-los sobre direitos autorais. Outros exemplos de áreas biblioteconômicas que dão suporte à EaD são fontes de informação, normalização bibliográfica e pesquisa bibliográfica. No tocante a fontes de informações, o bibliotecário é conhecedor dos critérios de usabilidade de obras e, por conseguinte, poderá indicar títulos confiáveis aos professores. Quanto à normalização bibliográfica, o bibliotecário auxilia a comunidade acadêmica nas regras de elaboração de trabalhos acadêmicos e/ou científicos e, na EaD, além disso, o profissional revisa os materiais didáticos, deixando-os no formato adequado às normas vigentes.

Ao realizar pesquisa bibliográfica, o bibliotecário tanto colabora para que professores tenham fontes atuais e que contemplem os seus objetivos quanto ele orienta docentes e alunos a fazerem levantamentos bibliográficos em bases de dados. Por tais razões, o bibliotecário pode participar do planejamento de cursos em EaD.

Diante do exposto, o conhecimento adquirido pelo bibliotecário ao longo de sua formação pode ser empregado nas fases que compõem um programa de EaD *on-line*, haja vista o caráter interdisciplinar da Biblioteconomia “como uma área que dialoga com todas as outras, devido à sua práxis, não poderia ter um currículo voltado para si, uma vez que esta prática não favoreceria sua práxis, a qual é interdisciplinar por excelência” (Moraes, 2015, p. 9).

Pelas razões supramencionadas, os bibliotecários que desempenham atividades no âmbito das instituições de ensino superior (IES) podem apoiar e incrementar a oferta do ensino a distância. Assim, o presente artigo elenca uma pesquisa de campo realizada com seis bibliotecários que

trabalham em IES, sendo duas públicas e quatro privadas, tendo o objetivo de compreender como eles atuam no contexto da educação a distância, considerando ações de ensino, pesquisa e extensão; pilares estes essenciais, pois exprimem o que uma IES produz, bem como fornece respostas à sociedade por meio de ações que levam o conhecimento e a cultura às comunidades.

## 2 O processo de ensino-aprendizagem em EaD

---

O processo de ensino-aprendizagem inicia com um planejamento criterioso das ações propostas pelo ofertante da ação formativa por meio da EaD, onde são organizadas e definidas etapas que englobam desde a concepção à avaliação de um curso, de acordo com o estabelecimento de um modelo de ensino para um público específico que deseja aprender.

Segundo Masetto (2012, p. 33-38), o processo de ensino-aprendizagem tem como fundamentos:

- 1) conceito de ensino-aprendizagem; 2) concepção e gestão do currículo; 3) integração das disciplinas como componentes curriculares; 4) compreensão da relação professor-aluno e aluno-aluno; 5) teoria e prática da tecnologia educacional; 6) concepção do processo avaliativo e suas técnicas para feedback; 7) planejamento como atividade educacional e política.

Contudo, para obter sucesso durante o processo de ensino-aprendizagem e, evidentemente, alcançar a conquista de uma aprendizagem eficiente e eficaz, precisa ser levada em conta a comunicação, para que haja a mediação e, assim, ocorra a interação entre os interlocutores do programa educacional. É igualmente importante reconhecer que no processo de ensino-aprendizagem acontece a formação dos cidadãos, e a universidade ocupa um papel fundamental para que isso aconteça, porque segundo Rowe (2004, p. 1), ela “tem o papel de formar cidadãos capazes de enfrentar as mudanças do mundo contemporâneo”, cujos sujeitos possam ser capazes de formular suas críticas, construir novos conhecimentos, discernindo a realidade na qual estão inseridos, para transformá-la em uma sociedade mais justa.

Isso traduz uma aprendizagem significativa, na qual

O conhecimento é concebido como resultado da ação do sujeito sobre a realidade, estando o aluno na posição de protagonista no processo de aprendizagem

construída de forma cooperativa, numa relação de comunicação renovada e reflexiva com os demais sujeitos (Behar, 2009, p. 16).

O protagonismo do aluno ganha forças à medida que as tecnologias e, em particular, a Internet possibilitam a mediação e a oportunidade de produção de conteúdo, requerendo, portanto, um novo modelo de educação. Assim, desponta a EaD *on-line*, que confere ao discente o ensejo de ter mais independência e autonomia, no que diz respeito à autorregulação do seu tempo e de suas atividades e a considerar seus conhecimentos prévios, para que ele consiga construir novos saberes.

Em 2020, com a pandemia causada pelo coronavírus, o mundo teve que se adaptar a uma nova realidade na qual todos foram obrigados a cumprir o isolamento social. Deste modo, mudaram suas rotinas, como as ligadas à área educacional, cujo campo precisou implementar aulas remotas *on-line*, para que os discentes não tivessem *déficits* em seu aprendizado. Vale salientar aqui, que as aulas remotas não se configuram como educação a distância, pois esta segunda requer um planejamento cuidadoso e se caracteriza como uma modalidade de ensino regida por diretrizes que visam à qualidade e à aprendizagem eficiente dos alunos, como é o caso dos referenciais do Ministério da Educação (Brasil, 2007).

No entanto, acredita-se que, com o uso maior da Internet provocado pela pandemia, as pessoas começaram a despertar quanto ao valor da EaD, e isso pode ser comprovado pela ampliação da procura pela referida modalidade. Para o Instituto Rui Barbosa (2022):

Há a sinalização de um importante processo de transição para o modelo de ensino a distância. O caminho que se apresenta aos que além de necessidade de conhecimento possuem gosto pelos estudos é que o EaD se torne tendência cada vez maior [...].

Portanto, diante da referida situação de enfrentamento à Covid-19, e no mundo pós-pandemia atual, onde a educação conta com o apoio das tecnologias, comprova-se cada vez mais a relevância da EaD. Ainda no que diz respeito às transformações causadas pela pandemia, Oliveira *et al.* (2022, p. 100) afirmam que “Diante da mudança abrupta imposta pela pandemia, o pensamento crítico e criativo tem sido decisivo não só em relação à carreira, mas também à vida pessoal desta e das próximas gerações.” Os autores, inclusive, sugerem “a diversão, o significado e a colaboração no processo da aprendizagem” (Oliveira *et al.*, 2022, p. 100).

Daí a EaD, por ter diversificados recursos e tecnologias a seu favor, pode fomentar um aprendizado com significados para os alunos. Moreira e Masini (1982, p. 7), ao interpretarem o idealizador da aprendizagem significativa, o psicólogo David Ausubel, a conceituam como

um processo pelo qual uma nova informação se relaciona com um aspecto relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo. Ou seja, neste processo a nova informação interage com uma estrutura de conhecimento específica, a qual Ausubel define como conceitos subsunçores ou simplesmente, subsunçores (submers), existentes na estrutura cognitiva do indivíduo.

Para Santos (20--), a aprendizagem significativa acontece, de fato, quando são seguidos os passos que conduzem à reconstrução do conhecimento, listados, assim, por ele: sentir, perceber, compreender, definir, argumentar, discutir e transformar.

No primeiro passo, sentir durante a aprendizagem, o aluno já chega com uma visão sobre o contexto e, claro, por suas vivências e expectativas concernentes ao que virá, ele abriga em si muitas sensações. Após estas sensações, surge o segundo passo, perceber. Como o verbo denota, o estudante começa a ter necessidade de conhecer cada detalhe a respeito dos conteúdos que está aprendendo (Santos, 20--).

Compreender é o terceiro passo e já se nota maior amplitude, pois nessa etapa o discente formula conceitos que poderão ser aplicados para estruturação de conhecimentos em qualquer tipo de contexto. Depois vem definir, cujo passo corresponde ao momento no qual o aprendiz define os conceitos. No outro passo, argumentar, o estudante usa a lógica agrupando os conceitos, tanto em texto falado quanto escrito, bem como por intermédio da linguagem verbal ou não verbal. No penúltimo passo, discutir, o aluno torna-se capaz de criar argumentos e desenvolve habilidades para debater a realidade e compreendê-la, devido ao seu raciocínio estar bem concatenado. E, por fim, o passo transformar diz respeito à ação de intervir na realidade (Santos, 20--). Para o autor, a aprendizagem só atinge seu objetivo se a transformação for real.

No âmbito das universidades, a concepção de aprendizagem significativa ganha ainda mais destaque, isso ocorre porque elas formam pessoas não apenas para desenvolver competências e habilidades para atuarem no mercado de trabalho, mas acima de tudo, cooperam para que os discentes tornem-se profissionais preparados, com senso crítico para discernirem sobre o mundo

que os envolve e, principalmente, possam ter a capacidade de compreender os fatos, para que façam, quando necessárias, intervenções na realidade, exercendo seu papel de “atores” sociais e exercitando a cidadania em prol do bem-estar humano.

Será discorrida a seguir a atuação do bibliotecário no contexto das instituições de ensino superior (IES).

### **3 O bibliotecário na EaD no ensino superior**

---

O bibliotecário dentro de uma instituição de ensino superior atende a toda comunidade universitária, formada por corpo docente e discente, bem como por pessoal técnico-administrativo. Trabalha não apenas em bibliotecas, mas exerce funções em editoras e imprensas universitárias, realizando normalização bibliográfica, organizando índices, elaborando fichas catalográficas, solicitando o *International Standard Book Number (ISBN)*, *International Standard Serial Number (ISSN)*, *Digital Object Identifier (DOI)* e, muitas vezes, faz parte do corpo editorial.

Na conjuntura hodierna, o bibliotecário que trabalha no ensino superior tornou-se atuante em outros ambientes informacionais fora da biblioteca, sendo a EaD um exemplo desses novos espaços. Suas atividades são muitas, de processamento técnico, desde a catalogação, classificação, indexação à criação de documentos que facilitem ao usuário o acesso à informação com mais rapidez e precisão, até a assessorias especializadas, como também levantamentos de pesquisas, das mais simples às mais complexas, orientações sobre normalização bibliográfica, curadoria, direitos autorais, disseminação seletiva da informação (DSI), criação de bibliotecas virtuais e organização de bibliotecas físicas, não apenas para atender ao ensino presencial, mas para dar, ainda, suporte aos polos de apoio a cursos na modalidade EaD (Nóbrega, 2018).

Tais atividades em EaD ganham uma proporção significativa, pois o bibliotecário pode atuar com professores e alunos, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem, seja implantando bibliotecas digitais ou até físicas, quando a EaD dispõe de polos presenciais, seja orientando os professores conteudistas quanto aos direitos autorais no momento de produzirem seus materiais didáticos, também atualizam docentes e discentes no que tange à normalização



bibliográfica, ou ainda, participando do planejamento de cursos nessa modalidade, ajudando na escolha de bibliografias, dentre outras. Sua *expertise* foi, mais uma vez, confirmada durante a pandemia, quando profissionais organizaram programações em bibliotecas universitárias que levaram conhecimentos *on-line* aos estudantes e docentes, por meio de “*lives*”, cursos e outras ações.

Silva *et al.* (2020, p. 8) reafirmaram que os bibliotecários promoveram, à época da pandemia, “Apresentações, treinamentos, palestras e outros eventos [...] via programa de videoconferência, [...] dependendo do público, [...] transmitidas por plataformas de *streaming* como o Youtube.” Também ressaltaram que, naquele momento, devido não estarem acontecendo empréstimos, adquiriram “e-books e assinatura de bases de dados bibliográficas de forma a atender as necessidades de seu público [...]” E enfatizaram que “as bibliotecas continuam presentes e atuantes de forma a contribuir com a missão das universidades.”

Como se constata na citação acima, as competências e habilidades do bibliotecário são aliadas das universidades, no sentido de contribuir para que elas alcancem sua missão, e esta trata justamente do tripé pesquisa, ensino e extensão, o qual, se forem observadas no cotidiano, algumas missões de muitas instituições traduzem conceitos que envolvem palavras e expressões-chave, tais como: democratização do saber, construção do conhecimento, fomento à ciência, promoção da arte, participação comunitária, formação de pessoas com qualidade, preocupação com a vida, desenvolvimentos sustentável e econômico, melhoria da qualidade de vida e da sociedade, construção de sociedades críticas e igualitárias, etc. Ou seja, entende-se que as universidades ocupam um papel essencial para debates e práticas que podem transformar a sociedade para melhor.

Portanto, na própria essência da biblioteca, seja ela em formato físico ou virtual, a missão da universidade encontra apoio para seu cumprimento, e isto está evidenciado na opinião de Hubner e Kuhn (2017, p. 51): “A Biblioteca universitária relaciona-se intrinsecamente com a pesquisa e com o processo de ensino e aprendizagem, através do desenvolvimento de atividades de mediação junto aos usuários, na busca pela informação e na transformação desta em conhecimento.”

A pesquisa é responsável por descobertas importantes nas mais variadas áreas do conhecimento. A partir dela, muitas vezes, são solucionados problemas, processos e produtos melhorados, como também novas invenções e empreendimentos podem advir dos seus resultados. Ela contribui para o desenvolvimento de um país. Conforme Vianna (2015), a pesquisa torna-se salutar para múltiplos segmentos, desde o campo científico até o setor industrial e, para tanto, é primordial que o seu estímulo esteja sendo empregado nas universidades.

O bibliotecário, por conhecer as fontes de informação primárias, secundárias e terciárias, também por dispor de técnicas e estratégias de buscas, pode encontrar respostas às questões de pesquisas demandadas pelo público dentro da universidade e ajudar a fomentar sua prática constante. Na EaD, o profissional pode assessorar os professores na confecção de materiais, fornecendo informações atuais e especializadas, normalizando e empregando a curadoria, pois identificar as obras que servem de embasamentos para trabalhos e preservar os direitos autorais são ações de considerável relevância para que se mantenha a ética científica. Ademais, o bibliotecário pode acompanhar os discentes, orientando-os quanto à construção de uma pesquisa científica, desde a delimitação do tema que os alunos propuserem até a sua aplicação propriamente dita (aqui compreendem-se as etapas a partir da escolha dos descritores, a busca em bases de dados, a sequência das seções do trabalho acadêmico/científico, a formatação e a normalização bibliográfica), instigando-os à leitura e à escrita, ambas salutaras para a concretização de investigações científicas.

Nas palavras de Silva e Gallotti (2019, p. 99), o bibliotecário colabora “efetivamente para o ensino, pesquisa e extensão e formação crítica e cultural dos estudantes e para o planejamento, produção e gestão dos cursos a distância”.

No tripé de uma universidade está um outro componente, o ensino, o qual Vignali (2020, p. 1) classifica como primeiro pilar e considera que ele é

composto pelas práticas educacionais da graduação e pós-graduação. O ensino superior tem como objetivo formar profissionais com capacitações específicas de acordo com a área de estudo, para que ingressem no mercado de trabalho e prezem pelo bem comum da sociedade no país em que a universidade está inserida.

O ensino apresenta uma dimensão que vai além da transmissão e recepção de conteúdos, principalmente na modalidade EaD, a qual exige do aluno uma postura mais ativa e autônoma. Diante de tal contexto, o bibliotecário dispõe da incumbência de congregar valores e saberes que contribuam para a formação crítica, política e social e mais ampla dialogicidade dos discentes, estimulando-os com ações, tais como: incentivo à leitura por meio de palestras *on-line*, na ocasião, mostrar o valor que o acervo de uma biblioteca dispõe para o enriquecimento acadêmico, científico e pessoal deles; durante as orientações sobre pesquisa bibliográfica, tentar fazê-los pensar criticamente sobre os temas que eles escolheram e o que estes temas podem impactar na sociedade e como poderão servir para o alcance de melhorias na vida dos cidadãos. Portanto, trata-se de ações que os levem a produzir conhecimentos, os façam refletir sobre a realidade na qual estão inseridos, articulando teoria e prática para o atingir da práxis, ou seja, trata-se de uma formação que visa ao exercício da cidadania.

Observando essa postura profissional, enxerga-se na EaD mais um papel importante desempenhado pelo bibliotecário, o de educador. Oliveira e Cranchi (2017, p. 41) o consideram do mesmo modo e justificam: “O papel do bibliotecário há muito superou o paradigma de suas funções tradicionais como exclusivamente disponibilizador de acervo e gestor de coleções.”

Os autores acrescentam:

Assim, a participação do bibliotecário é crucial nesse processo de ensino/aprendizagem, sua atuação deve coadunar com a dos professores em um envolvimento multidisciplinar, interdisciplinar, ou até transdisciplinar, indispensável na formação de futuros profissionais, equipe de pesquisadores e, principalmente, cidadãos conscientes, éticos, críticos e participativos. Esses atores também devem atuar de forma transversal a fim de tornarem suas ações significativas para sociedade (Oliveira; Cranchi, 2017, p. 41).

Na citação supramencionada, a importância da atuação do bibliotecário e o cunho interdisciplinar da Ciência da Informação aparecem nitidamente. Tais aspectos são muito relevantes, pois os saberes não estão separados, mas existem correlações entre as disciplinas, ocorrendo, então, uma complementação de cada conhecimento, e estar ciente de que mesmo com algumas diferenças e peculiaridades de cada área, há pontos em comum que convergem e colaboram para a compreensão de conteúdos e, conseqüentemente, para uma aprendizagem significativa.

A aprendizagem significativa é um mecanismo que pode impulsionar, além do ensino, a extensão, outro elemento constituinte do tripé da universidade, já que esse aprendizado considera o conhecimento que está sendo absorvido, como também leva em consideração o conhecimento prévio, segundo o que seu idealizador, David Ausubel, apregoou (Moreira; Masini, 1982). Aqui pode-se compreender que, o aluno, ao disseminar/compartilhar os conhecimentos adquiridos na universidade para a sociedade, ele não pode desprezar o senso comum da população. Por exemplo, se um aluno de Biblioteconomia faz um projeto para estimular a leitura em uma comunidade, o estudante precisará estar ciente de como pensam as pessoas daquela comunidade.

De maneira geral e simples, interpreta-se extensão como um conjunto de ações que alcançam a sociedade extramuros da universidade, ou seja, o ensino e a pesquisa gerados dentro da universidade são compartilhados com a população em forma de benefícios. Assim, unem-se conhecimento científico e senso comum e, aqui, mais uma vez a interdisciplinaridade é conferida, exemplo está na conceituação de Silva *et al.* (2016, p. 463), os quais afirmam que “[...] Para um projeto de extensão abrangente e qualificado é necessário a interdisciplinaridade no desenvolvimento das ações.”

Assim, o bibliotecário pode enriquecer as ações de extensão devido ao seu escopo profissional, que soma além de competências tecnológicas e informacionais, as sociais. A competência social está ligada à aptidão de um sujeito saber empregar suas habilidades sociais, como exemplos, empatia, assertividade e capacidade de solucionar problemas, e tais habilidades beneficiam tanto a própria pessoa quanto a outros indivíduos (Sapienza; Aznar-Farias; Silves, 2009). A partir desta compreensão dos autores, pode-se reafirmar a relevância da competência social na atuação do bibliotecário, pois este como mediador da informação e por atender ao público, precisa cultivar a empatia, sempre procurando entender o outro, ser assertivo, isto é, ter clareza na comunicação, para que não haja ruídos. Para tanto, se faz necessária a escuta ativa ao usuário da informação e, evidentemente, o discernimento sobre o que este usuário precisa, para que seu problema/questionamento se resolva. Fica fortemente clarificado o valor que há quando o bibliotecário interage, medeia a informação, e tal asserção está evidenciada nas palavras de Cordeiro e Dimário (2008, p. 9): “Muitos bibliotecários ainda não têm consciência da importância

da competência social por isso, não consideram a interação social, desconhecem que poderão exercer um importante papel como agentes sociais e disseminadores da informação.”

Cordeiro e Dimário (2008) ao falarem sobre o bibliotecário como agente social confirmam o quanto este profissional pode contribuir para transformar a realidade. Um dos mecanismos para impulsionar tal mudança pode ser a competência em informação. Hoje, com muitas tecnologias disponíveis, é necessário que as pessoas e, especialmente a comunidade acadêmica, principalmente alunos, estejam aptos a ler, manusear e escolher as ferramentas mais adequadas para seu uso.

Desse modo, de acordo com Ottonicar; Silva e Belluzzo (2018, p. 26):

A Competência em Informação (CoInfo) (conhecida internacionalmente como Information Literacy) é um processo de ensino-aprendizagem que deve ser planejado, preferencialmente, por uma equipe multidisciplinar. Na aplicação da CoInfo, é preciso que se utilizem diferentes estratégias didáticas e ambientes de aprendizagem (modalidade presencial, virtual ou mista) que permitam desenvolver competências e habilidades necessárias à resolução de problemas institucionais.

A referida competência, também social, no campo da EaD torna-se primordial, porque os discentes precisam saber ler com um olhar crítico e possam discernir o conteúdo proposto. Para tanto, é necessário conhecimento sobre os ambientes virtuais, materiais didáticos, serviços informacionais, utilização das bibliotecas virtuais/digitais, dentre outros. Portanto, na EaD, onde há sistemas para operar, material didático em múltiplos suportes, como podcasts, jogos, áudios, vídeos, mapas mentais, infográficos, entre outros, faz-se urgente não apenas saber como funciona e para que serve cada um deles, mas torna-se crucial entender a sua importância para o processo de ensino e aprendizagem. No caso do bibliotecário, o qual gerencia informações e atende os usuários da informação, a sua participação em conjunto com a área de tecnologia na organização e até no *design* da informação e de interfaces de todos esses mecanismos é um ganho para discentes e docentes, pois ele contribui para a interatividade e a interação dos estudantes em seu processo de ensino/aprendizagem.

Segundo Oliveira e Jorente (2019, p. 33), o *design* da informação “consiste na seleção, organização e apresentação da informação para um público determinado.” Já com relação ao *design* de interfaces, os autores afirmam que este

visa analisar e aperfeiçoar a interface do sistema, propondo melhorias na maneira com que as informações estão dispostas e organizadas e como esta interface irá interagir com o usuário. Engloba a criação de menus, ícones e itens necessários para a devida interação do usuário com o sistema (Oliveira; Jorente, 2019, p. 28).

As concepções de Oliveira e Jorente (2019) reforçam a importância de o bibliotecário participar do momento da construção de *designs* da informação e de interfaces, pois ele estuda os usuários da informação e pode, assim, a partir do perfil do público que acessará os conteúdos da EaD, fornecer subsídios aos profissionais de informática a produzirem sistemas, recursos e ferramentas que colaborem para a usabilidade das informações.

Conforme Machado; Vianna e Matias (2020, p. 15): “No âmbito da ciência da informação, o objetivo da usabilidade é avaliar sistemas de recuperação da informação do ponto de vista do usuário e sua satisfação no uso.”

Retomando à extensão, a sua concepção está intrínseca à profissão bibliotecária e às bibliotecas. Um exemplo está em Castro Filho (2016, p. 250), cujo autor fala sobre a função da biblioteca escolar, mas que em sua essência, pode valer para a biblioteca universitária de maneira mais aprofundada e especializada:

a biblioteca [...] como um equipamento cultural e, ainda, como uma instituição social, com intuito de integrar a sociedade da informação, estabelecendo novos conceitos e se adequando às realidades sociais, culturais, educativas e tecnológicas da sociedade. Com a explosão informacional, a sociedade contemporânea necessita de profissionais bibliotecários que atuem [...] com competências e que possam atender às novas demandas de produtos e serviços de informação.

De fato, hoje, flagram-se outras demandas por serviços de informação; a própria ideia de biblioteca não está mais restrita a apenas ao ambiente físico, pois as bibliotecas *on-line* e os repositórios institucionais disponíveis na internet dão suporte aos programas de EaD. No caso dos repositórios, eles exprimem a extensão, pois oportunizam o acervo de produções científicas e acadêmicas a quem desejar, e isso pode ser comprovado pela ciência aberta, a qual visa divulgar à sociedade o que as universidades produzem. Conforme Oliveira e Matta (2019, p. 6):

Na perspectiva tecnológica, os repositórios virtuais podem resultar em uma série de benefícios tanto para pesquisadores e discentes, quanto para a universidade e a sociedade em geral, ao proporcionarem maior visibilidade para os resultados

dos projetos de pesquisa e extensão e preservação da memória científica da universidade. Ademais os arquivos a serem compartilhados (documentários, vídeos, exposições, etc.) se constituem em elementos de EAD que podem ser utilizados por diversas instituições como material didático.

Coelho e Conceição (2014) fazem alusão ao serviço de extensão bibliotecária mostrando o quanto é importante para mitigar as barreiras que existem com relação ao acesso à informação e discutem, ainda, esse serviço e como ele pode cooperar para que as pessoas que estão distantes da biblioteca, consigam ser assistidas por ela e comecem a ter vontade de ler. Mais uma vez, a EaD *on-line*, por meio das tecnologias, pode ligar os serviços bibliotecários ao público.

Os autores Girard *et al.* (2023) descrevem em seu artigo um exemplo de experiência com extensão no campo bibliotecário, que se deu a partir de um projeto desenvolvido pelos bibliotecários pertencentes à Biblioteca Douglas Vale, do *campus* Paragominas, da Universidade Federal Rural da Amazônia, cuja ação foi intitulada de Momentos Biblio: a responsabilidade social da Biblioteconomia, das bibliotecas e dos(as) bibliotecários(as)”. Os profissionais exerceram a sua responsabilidade social e praticaram a extensão, no sentido de ajudarem a população com a promoção de 63 palestras via *YouTube*, pelo canal da referida Biblioteca, Redeteca. As palestras visavam trazer convidados para esclarecer por meio de informações confiáveis e seguras sobre a pandemia e como enfrentá-la, bem como outros temas, dentre as temáticas estavam conteúdos condizentes à saúde, ao papel das bibliotecas, ao direcionamento dos bibliotecários para com os sujeitos no sentido de direcionar as pessoas quanto ao acesso e ao uso de bibliotecas digitais, plataformas e redes sociais. O projeto em questão teve o objetivo de minimizar os problemas de informação e de infodemia, no período de fevereiro de 2021 a junho de 2022. A título de esclarecimento, a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) define infodemia como “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (OPAS, 2020, p. 2).

Girard *et al.* (2023, p. 3) afirmam que

[...] os debates mostraram ser fontes de informação e recursos de auxílio do enfrentamento da população na atual conjuntura, de maneira a construir e a disseminar democraticamente conteúdo e informação através das redes sociais online, por meio de objetos informacionais digitais como vídeos, cadernos de resumos e artigos e comunicações (trabalhos).

Pela literatura, conclui-se que a pesquisa, o ensino e a extensão estão interligados e todos três são valiosos para o êxito do processo de ensino-aprendizagem na universidade. Reimer e Zagonel (2014, p. 53) corroboram:

A indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão pressupõe um pensar nas ações acadêmicas de forma sistêmica [...] As atividades de ensino, pesquisa e extensão, adotando como referência os projetos pedagógicos dos cursos e em consonância com os mesmos, devem envolver de forma criteriosa a perspectiva técnico-profissional e a formação política e cidadã dos estudantes.

Portanto, o bibliotecário é um profissional essencial para dar sustentação ao tripé pesquisa, ensino e extensão, desde o momento de desenvolver a coleção de uma biblioteca, seja esta presencial, inclusive, fundamental para o reconhecimento de cursos da universidade ou virtual/digital, que cobrirá programas de EaD, ambas com a finalidade de suprir as necessidades informacionais de todos os que fazem parte da instituição de ensino superior, até o desenvolvimento de outras funções, também de grande valia e que o profissional pode exercer, como: docência, tutoria, normalização bibliográfica, *web* semântica, produção de conteúdos, planejamento de cursos, treinamentos para alunos, esclarecimentos sobre metodologia do trabalho científico.

Devido à sua formação interdisciplinar, o bibliotecário também pode ingressar na carreira docente, assumindo tanto a função de professor quanto de tutor, e estes dois papéis reafirmam-se com a publicação em 2017 do documento intitulado *Roles and Strengths of Teaching Librarians*, que se traduz por Funções e Pontos Fortes dos Bibliotecários Docentes, idealizado pela *Association of College & Research Libraries* - Associação de Bibliotecas Universitárias e de Pesquisa, cuja instituição apregoa que “O bibliotecário docente trabalha com os alunos como treinador, guia e mentor à medida que os discentes navegam pelo complexo ecossistema de informações em diferentes estágios do seu desenvolvimento pessoal e cognitivo” (Association of College & Research Libraries, 2017, tradução nossa).

Ainda para a *Association of College & Research Libraries* (2017, tradução nossa), há sete funções que o bibliotecário docente pode desenvolver:



- 1) advogado: precisará ser capaz de situar contextualmente a alfabetização informacional e comunicar seu valor a uma variedade de públicos na comunidade universitária.
- 2) coordenador: necessita ter habilidades diplomáticas e navegar confiantemente nas políticas de instrução, compreendendo o clima, a cultura e as expectativas das partes interessadas envolvidas nos objetivos de alfabetização informacional da instituição.
- 3) *designer* instrucional: cria experiências educacionais por meio da concepção de materiais instrucionais e do desenvolvimento de resultados de aprendizagem, ferramentas de avaliação e objetos de aprendizagem em diversos ambientes de aprendizagem.
- 4) eterno aprendiz: aprendiz ao longo da vida, é curioso, aberto e flexível, busca novas oportunidades de aprendizagem contínua.
- 5) líder: lidera com o corpo docente e a equipe acadêmica e trabalha com uma ampla gama de parceiros no *campus*. O bibliotecário pode coliderar colaborações entre *campi*, tais como *design* de currículo, iniciativas de aprendizagem e tecnologia, desenvolvimento de resultados de aprendizagem em níveis de curso e/ou programa, esforços de sucesso e retenção de alunos, comitês de campus e programas de integridade acadêmica.
- 6) professor: enfatiza a atividade na sala de aula ou em outros ambientes de ensino onde o bibliotecário interage diretamente com os alunos.
- 7) parceiro de ensino: dispõe de variadas oportunidades para colaborar em diferentes ambientes de ensino com professores, outros bibliotecários e colegas do *campus*.

Como se constata no documento mencionado anteriormente, pela dinamicidade e essência da própria profissão em lidar com a informação e o seu caráter que estimula a geração de conhecimentos, o bibliotecário tem condições de assumir a docência, seja na modalidade presencial ou na EaD.

É salutar frisar que a produção de conteúdos vai ao encontro da função docente do bibliotecário *designer* instrucional, assim como o planejamento de cursos pode ser notado na função líder, pois por meio desta, ocorre o desenvolvimento de programas educacionais, e a função de professor contempla os treinamentos para os discentes, porque eles oportunizam a interação com os estudantes.

Quanto à normalização bibliográfica, trata-se de uma área crucial na universidade, pois o bibliotecário atua desde o momento em que ele adequa as publicações geradas pela IES de acordo com as normas vigentes até a promoção de cursos, treinamentos para a atualização da comunidade

universitária, porque esta precisa conhecer as regras e aplicá-las em seus trabalhos acadêmicos e/ou científicos.

Para Rodrigues e Costa (2023, p. 36), o bibliotecário

cuida da organização, disseminação e recuperação da informação, tem vários papéis onde um deles é promover práticas que auxiliem os usuários na transmissão do conhecimento, e isso é feito por meio da orientação na normalização dos documentos ou quando ele mesmo normaliza.

No caso da *web* semântica, como consideram Villalobos e Silva (2010, p. 59), “pode favorecer o avanço significativo das técnicas de indexação, armazenamento e recuperação da informação em rede, contribuindo notadamente para a evolução da Ciência da Informação.” Já no tocante à metodologia do trabalho científico, o bibliotecário poderá orientar os discentes de cursos EaD a sistematizarem seus trabalhos acadêmicos e científicos, explicando como estruturá-los, mostrando métodos e instrumentos de pesquisas, ensinando-os a formatar e a normalizar de acordo com as regras vigentes, bem como explicando a importância dos direitos autorais ao se escrever um texto.

Portanto, pela sua formação acadêmica e, claro, buscando sempre a sua atualização constante, o bibliotecário poderá assumir as funções citadas e tantas outras que há ou que poderão surgir.

## 4 Metodologia

---

Trata-se de um estudo de campo com abordagem qualitativa realizado em 2018, do qual participaram efetivamente seis bibliotecários, cinco deles responderam a um questionário por *e-mail* devido à distância geográfica. O sexto bibliotecário foi entrevistado presencialmente e suas falas registradas pelo gravador do celular de uma das pesquisadoras. As perguntas abertas tanto da entrevista quanto do questionário foram as mesmas. Para os bibliotecários dos outros estados, como dito acima, o questionário foi enviado para o correio eletrônico de cada um, e este contemplou perguntas fechadas e abertas. Os bibliotecários participantes da pesquisa foram selecionados previamente por meio de um levantamento no *site* do Ministério da Educação,

especificamente no Sistema e-mec, elegendo-se, então, seis universidades pertencentes às esferas públicas e privadas que possuem experiência no campo da EaD. O universo analisado foi de seis bibliotecários que atuam nos seguintes estados: Paraná, Espírito Santo, Bahia, Pará, São Paulo e Ceará. A pesquisa foi detalhadamente explicada aos bibliotecários participantes do estudo e, assim, eles concordaram, autorizaram e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), confirmando a sua anuência e voluntariado em colaborar com a pesquisa. O termo garante que o anonimato do participante e da universidade será preservado, mantendo-se, então, a ética.

O critério para a inclusão dos bibliotecários e, conseqüentemente, das universidades escolhidas para participarem desta pesquisa foi que essas instituições tivessem cursos na modalidade a distância e os bibliotecários atuassem nos referidos cursos em alguma função que caracterizasse uma atividade que necessitasse dos conhecimentos biblioteconômicos na EaD, como exemplo, bibliotecários que trabalhassem como tutores, *designers* gráficos, *designers* instrucionais, profissionais que trabalhassem com normalização bibliográfica, dentre outros.

Portanto, de acordo com a ótica de Bardin (2016), o critério supracitado foi do tipo expressivo, tendo como intuito conhecer de que maneira os bibliotecários atuam na EaD e saber quem são as pessoas atendidas por eles que estão engajadas de alguma forma nessa modalidade, visando ter ciência sobre o perfil dos usuários e, conseqüentemente, a partir dessas informações, entender como os bibliotecários contribuem para o ensino, a pesquisa e a extensão dentro da universidade.

Os dados coletados foram tratados a partir da análise de conteúdo com estabelecimento de categorias, método idealizado por Bardin (2016, p. 49), a qual afirma que “a análise de conteúdo trabalha a fala, quer dizer, a prática da língua realizada por emissores identificáveis. [...] leva em consideração as significações (conteúdo), eventualmente a sua forma e a distribuição desses conteúdos e formas [...]”

A partir da compreensão de técnicas de estabelecimento de categorias de análise e pensando na inferência de conhecimentos a que se refere Bardin (2016), foram estabelecidas **três** categorias referentes à modalidade EaD e à participação dos bibliotecários em instituições de ensino superior: **Categoria 1 - Participação do bibliotecário na EaD; Categoria 2 - Usuários envolvidos com**

**EaD e Categoria 3 - Importância do bibliotecário na EaD.** Vale salientar que os nomes dos bibliotecários não são identificados, guardando-se os princípios éticos da pesquisa. Os profissionais receberam um código com a sigla “Bib” em referência ao termo bibliotecário, somado a uma numeração acompanhada do nome do estado em que exercem suas atividades.

Quanto à caracterização dos bibliotecários dos estados do Paraná, Espírito Santo, Bahia, Pará e São Paulo, não foram perguntados sobre idade, tempo de atuação na área, ano de conclusão do curso e educação continuada, isso porque percebeu-se que os bibliotecários estavam muito atarefados naquele momento, daí as autoras decidirem realizar as perguntas diretamente relacionadas com a atuação deles na EaD dentro dos cursos das instituições de ensino superior nas quais trabalham, assim como a barreira geográfica também contribuiu para que não houvesse uma entrevista pessoalmente e nela pudessem ter sido explorados outros aspectos, os quais se pretende abordar em futuros estudos.

Contudo, ao entrevistar presencialmente o bibliotecário do Ceará, surgiu a oportunidade de perguntar, além das questões do roteiro, algumas outras características do profissional, tais como: idade de 30 anos, 7 anos de formatura, atuação de 6 anos na EaD, inclusive o bibliotecário discorreu um pouco a respeito da sua formação continuada e pontuou que iniciou o gosto pela EaD a partir de um curso de especialização que realizou como aluno na modalidade a distância e disse que sempre busca a sua atualização.

No que tange, ainda, a caracterização dos bibliotecários, estes pertencem a instituições de ensino superior (IES) privadas e públicas, assim distribuídos: bibliotecário do Paraná (IES privada), Espírito Santo (IES privada), Bahia (IES privada), Pará (IES pública), São Paulo (IES privada) e Ceará (IES pública).

O roteiro da entrevista continha dez perguntas. A primeira questão indagou como o bibliotecário participa da EaD. A questão um diz respeito à Categoria 1 – Participação do bibliotecário na EaD. A segunda pergunta teve o objetivo de saber se o bibliotecário participa do processo de revisão do material didático e quais os aspectos que são verificados naquela revisão.

A terceira pergunta está ligada à Categoria 2 - Usuários envolvidos com EaD, pois interpelava se o bibliotecário efetua pesquisas e, se sim, para quem ele as realiza. A quarta pergunta

versou sobre a formação do bibliotecário, ou seja, buscou saber se a graduação subsidiou o profissional para atuar na área da EaD. Se sim, solicitou-se que o participante elencasse quais aspectos e, se não, ele especificasse as capacitações que fez.

A quinta pergunta teve o propósito de saber quais os conhecimentos que o bibliotecário acredita que são necessários para atuar na EaD. A sexta questão indagou se o bibliotecário solicita o ISBN de livros elaborados para os cursos. A sétima pergunta foi se o bibliotecário já organizou uma biblioteca digital para algum curso. A oitava questão indagou que fontes de informação os bibliotecários selecionam ou elaboram para subsidiar o programa dos cursos. A nona questão perguntava em que momentos o bibliotecário faz catalogação.

E a última e décima pergunta tinha o propósito de saber se o bibliotecário considera relevante sua participação na EaD, conectando-se à Categoria 3 - Importância do bibliotecário na EaD.

A seguir será apresentada a análise dos dados disposta em quadros com suas respectivas apreciações.

## 5 Apresentação e análise de dados

---

Iniciando a análise dos dados, com a **Categoria 1 - Participação do bibliotecário na EaD**, analisou-se a função que o bibliotecário universitário desempenha na equipe de EaD, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Função do bibliotecário na EaD

<b>Bib1 (Paraná)</b>	<b>Bib2 (Espírito Santo)</b>	<b>Bib3 (Bahia)</b>	<b>Bib4 (Pará)</b>	<b>Bib5 (São Paulo)</b>	<b>Bib6 (Ceará)</b>
Bibliotecário	<i>Designer Instrucional</i>	Bibliotecário	Bibliotecário	Bibliotecário	Tutor Conteudista

Fonte: Resultados da pesquisa.

Observa-se que a prevalência da função dos bibliotecários que lidam com EaD na universidade está inerente à prática laboral de sua formação básica, sendo tal dado apontado pelos

Bib1; Bib3; Bib4 e Bib5. Verifica-se que o Bib2, o qual pertence a uma instituição de ensino superior privada, além das atribuições de bibliotecário, ele trabalha com a área de *designer* instrucional, auxiliando na elaboração do material didático dos cursos em educação a distância da referida instituição, cujo campo está atrelado à arquitetura da informação, uma das áreas em que o bibliotecário dispõe de competências para atuar, sendo muito relevante no momento de desenvolver recursos educacionais abertos (REAs). Almeida e Mucheroni (2013, p. 7) reiteram e falam que “há congruências entre Arquitetura da Informação e *Design* Instrucional para a construção de REA’s.” Para uma melhor compreensão, faz-se necessário rever o significado de *design* instrucional, que, segundo Barreiro (2016, p. 61), está relacionado com “os processos de análise, desenho, desenvolvimento, implementação e avaliação de cursos a distância.”

O Bib6, bibliotecário concursado de uma instituição de ensino superior pública, identifica que sua função está, além das atribuições como bibliotecário, tanto na tutoria quanto no desenvolvimento de conteúdos, evidenciando o bibliotecário tutor/conselheiro como um mediador, que de acordo com Nunes (2016), preocupa-se em fornecer meios de acesso à informação por intermédio de um processo de aprendizagem e de apropriação da informação com vistas a alcançar um aprendizado contínuo. Percebe-se que, ao assumir a tutoria, o bibliotecário precisa mediar as informações, o conhecimento entre os alunos, e sobre mediação, Almeida Júnior (2009, p. 92), a conceitua como:

toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

O bibliotecário se dedica ao processo de aprendizado do usuário, deixando claro que o papel desse profissional, como tutor, está voltado ao acompanhamento de discentes em seus cursos, verificando o desempenho dos estudantes, emitindo *feedbacks*, orientando-os, estimulando-os à participação e à interação. Destarte, a mediação da informação é salutar para que todas as condições supramencionadas sejam alcançadas, condições estas tão importantes para a aprendizagem efetiva na EaD.

Referente à atuação como conteudista do Bib6, observa-se na fala dele durante a entrevista: “Pronto! O curso de normalização de trabalhos acadêmicos, nós somos conteudistas [...]”, que ao desenvolver um conteúdo de formação, o profissional colabora com um dos pilares do tripé da universidade, o ensino, pois está realizando atividades pedagógicas, contribuindo, deste modo, com o processo de ensino-aprendizagem da instituição na qual trabalha, demonstrando, também, a competência do bibliotecário na educação.

A **Categoria 2 - Usuários envolvidos com EaD** apresenta o público que os bibliotecários atendem, assim disposto no Quadro 2.

Quadro 2 - Público atendido pelos bibliotecários que atuam em EaD

<b>Bib1 (Paraná)</b>	<b>Bib2 (Espírito Santo)</b>	<b>Bib3 (Bahia)</b>	<b>Bib4 (Pará)</b>	<b>Bib5 (São Paulo)</b>	<b>Bib6 (Ceará)</b>
Coordenador de EaD	Professor-tutor	<i>Designer</i> Instrucional	Professor-tutor	Professor-tutor, Professor-conteudista e aluno	Aluno Bibliotecário

Fonte: Resultados da pesquisa.

Verificam-se no Quadro 2, seis perfis de usuários da EaD, sendo eles: coordenador de EaD; professor-conteudista; professor-tutor; *designer* instrucional; bibliotecários e alunos de EaD. O professor-tutor foi o mais citado, fato corroborado pelos Bib2; Bib4 e Bib5. Há de se considerar que o professor-tutor, geralmente, é um especialista do conteúdo do curso e está ao lado dos alunos, analisando seus rendimentos e, ao mesmo tempo em que auxilia uma turma de discentes, consegue ter um olhar individual para cada estudante. Tal responsabilidade exige do professor-tutor leituras contínuas com o objetivo de que ele se atualize, além de permitir sua ação de mediador entre o conhecimento e o aluno. Esta ação de mediação do professor-tutor demanda do bibliotecário atuante na EaD realizações de pesquisas em fontes de informação para atender as necessidades informacionais do professor-tutor.

O Bib1 menciona o coordenador pedagógico como usuário. Este, por liderar em conjunto com equipes de professores e demais profissionais ligados à educação, muitas vezes precisa de fontes que o ajudem a planejar suas ações ou até mesmo sirvam para nortear avaliações. Já o Bib5

considera usuário da informação o professor conteudista, o qual, para confeccionar seus materiais didáticos, precisa de títulos atualizados, seguros, confiáveis e de boa qualidade. Assim, para atender ambos os usuários elencados pelos Bib1 e Bib5, contempla-se um dos componentes do tripé de uma universidade, a pesquisa, que visa fomentar novos conhecimentos. Destarte, o bibliotecário poderá auxiliá-los no ato de pesquisar, desde pesquisas exaustivas às mais simples, e ainda mostrar alguns elementos importantes para que tais usuários consigam encontrar o que precisam para iniciarem os seus estudos e/ou escritos. O bibliotecário poderá, também, ajudá-los a realizarem levantamentos bibliográficos, apresentando ferramentas de pesquisas, recursos digitais, facilitando a busca mais precisa em bases de dados por meio de operadores booleanos, dentre outros.

O Bib6 cita o próprio bibliotecário como usuário da EaD, afirmando que, ao abrir a oferta do curso de normalização bibliográfica na universidade em que trabalha, houve muita demanda de inscrição de bibliotecários que atuam no mercado, e exprime surpresa no tocante à procura pelo curso, ao falar: “a quantidade de pessoas que se inscreveram naquele momento, de todo Brasil [...] bibliotecários, inclusive [...]”.

O *designer* instrucional foi uma categoria de usuário reportada pelo Bib3. O *designer*, por ter atribuições em seu escopo de produzir contextos de aprendizagem virtuais mais interativos e que facilitem a aprendizagem dos alunos, necessita saber as novidades que possam incrementar seu trabalho. Os Bib5 e Bib6 mencionaram o aluno como usuário, sujeito que está no processo de aprendizagem e requer auxílio do bibliotecário que atua em EaD durante suas atividades acadêmicas. Na categoria 2, observa-se que, independentemente do perfil do usuário, as necessidades informacionais podem ser diferentes, mas com um propósito semelhante, o de se aperfeiçoar constantemente.

Na **Categoria 3 - Importância do bibliotecário na EaD**, buscou-se analisar o que pensam os bibliotecários sobre a relevância de assumirem variados papéis na modalidade EaD, além de identificarem percepções sobre sua atuação, visando ao fortalecimento e à qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão, tripé que rege a universidade.



Quadro 3 – Percepções sobre a participação do bibliotecário na EaD

Respondentes	Respostas
<b>Bib1</b> (Paraná)	“Acho importante no sentido de auxiliar na sugestão de bibliografias que atendam os conteúdos.”
<b>Bib2</b> (Espírito Santo)	“É um profissional essencial para a qualidade e garantia das fontes utilizadas e da garantia dos direitos autorais.”
<b>Bib3</b> (Bahia)	“A nossa participação é importante porque também somos agentes de transformação social; através da informação formamos equipes <u>inter</u> e multidisciplinares, contribuindo para o desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão.”
<b>Bib4</b> (Pará)	Sim.
<b>Bib5</b> (São Paulo)	“O bibliotecário é primordial para a educação a distância, atuando no processo de atualização de conteúdo, indicação de bibliografia básica e auxílio em pesquisa.”
<b>Bib6</b> (Ceará)	“Onde tem conteúdo sendo produzido, acho que exige a atuação [...] tem mercado para o bibliotecário [...] eu sou um entusiasta [...] você vê um quantitativo de pessoas que você alcança no Brasil e no mundo, comparado com o presencial [...] a gente gerenciando enquanto conteudista, segurando uma turma aqui no AVA, sendo tutor, sendo professor ao mesmo tempo em alguns momentos nesses papéis [...] E curador [...]”

Fonte: Resultados da Pesquisa

Nas falas descritas no Quadro 3, evidencia-se que os bibliotecários apresentam uma percepção positiva sobre sua atuação, demonstrando que são profissionais relevantes na constituição das equipes de EaD. Observam-se algumas ações em que o bibliotecário contribui para a qualidade do processo de ensino/aprendizagem na EaD, tais como: auxiliar na pesquisa e sugerir bibliografias que atendam o conteúdo (Bib1 e Bib5); atuar no processo de atualização de conteúdo (Bib5); garantir direitos autorais (Bib2); agentes de transformação social e de desenvolvimento do ensino, pesquisa e extensão (Bib3).

Os itens apontados pelos participantes da pesquisa são cruciais, porém dois deles merecem cuidado especial: o primeiro concerne à garantia de direitos autorais (citado pelo Bib2). De fato, trata-se de uma das etapas que se deve estar mais atento, pois ao elaborar material didático ou utilizar recursos produzidos por terceiros, faz-se necessário respeitar a autoria, para que se mantenham, então, os direitos morais e patrimoniais, a legislação e a ética, esta última tão importante para a pesquisa e, evidentemente, para a ciência. Blattmann e Rados (2001, p. 88) ratificam:

Questões sobre os direitos autorais, copyright e concessão de licenças para o uso de materiais digitais na educação presencial e a distância precisam ser esclarecidas, pois são vitais para aquisição, armazenamento e disseminação dos diferentes tipos de publicações em bibliotecas e, mais especificamente, no acesso e entrega de documentos eletrônicos e digitais na educação a distância.

Nesse sentido, o bibliotecário pode esclarecer aspectos ligados a direitos autorais, uso de licenças *Creative Commons* e conteúdos de domínio público. O segundo item apontado nas ações que chamou a atenção foi mencionado pelo Bib3, ao enfatizar que o bibliotecário ocupa o papel de agente de transformação social, além de visualizá-lo inserido nas equipes multiprofissionais, colaborando diretamente com o ensino, a pesquisa e a extensão.

O Bib6, ao ser indagado sobre a importância do profissional na EaD, demonstrou bastante conhecimento e prática na área e, principalmente, de maneira clara ele explicou a relevância do bibliotecário para a referida modalidade, demonstrando os diversos papéis que pode exercer, dentre eles conteudista, tutor e curador. Ratificando as falas dos bibliotecários participantes da pesquisa, Vale *et al.* (2018) afirmam que a integração do bibliotecário na equipe multidisciplinar da EaD é útil, não só pelo conhecimento das técnicas, mas também pela noção em atender às necessidades dos usuários que buscam a informação. As autoras destacam a habilidade que os bibliotecários possuem com vistas as tecnologias da informação e comunicação (TIC).

Desse modo, o que se constatou na análise de dados foi que os bibliotecários com seu cabedal de conhecimentos, podem ir além, sendo assim, podem ocupar e assumir outros papéis no campo da Educação, e principalmente na EaD.

## 6 Conclusão

---

O processo de ensino-aprendizagem em EaD nas universidades é muito importante e engloba desde o planejamento de um curso até a sua avaliação. Tem o propósito de formar pessoas que sejam capazes de articular a teoria com a prática para atingir a práxis, ou seja, aprender de modo significativo, compreendendo a realidade na qual elas estão inseridas, para que, quando necessário, sejam realizadas mudanças visando a uma sociedade melhor, mais equitativa e justa. Elementos estes que podem ser alcançados por meio da Educação.

Na EaD, o processo de ensino-aprendizagem é dinâmico, e o bibliotecário, por suas competências e habilidades, participando da equipe multidisciplinar que irá preparar um curso, disciplina e/ou treinamento nessa modalidade, trará ganhos para a melhoria constante do referido processo. O bibliotecário, hoje, dentro das universidades, apresenta um destaque e exerce variadas funções na modalidade EaD, colaborando diretamente para que a instituição cumpra sua missão de fazer pesquisa, ensino e extensão.

Confirma-se tanto pela literatura quanto pela pesquisa de campo, o caráter interdisciplinar e informacional da profissão bibliotecária, tão salutar para o êxito de ações em EaD. Esta assertiva é corroborada pelas experiências dos bibliotecários participantes da presente pesquisa, os quais exercem, dentro das universidades, grande relevância.

Destarte, dentre as atribuições do bibliotecário na EaD identificadas na pesquisa de campo, a de tutor e de docente chamaram a atenção, no sentido de, ao buscar a literatura, percebeu-se que, quase não há publicações sobre essas duas funções, por isso é necessário que haja mais pesquisas a respeito do tema, para incentivar os bibliotecários a adentrarem em tal seara. Desta forma, as autoras pretendem em oportunidades futuras, escrever sobre a referida temática.

Portanto, conclui-se que o bibliotecário pode atuar nas mais diversificadas funções dentro da EaD e contribuir para que as universidades, de maneira eficiente, alcancem sua missão: fazer pesquisa, ensino e extensão.

## Referências

---

- Almeida Júnior, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, vol. 2, no. 1, 2009, pp. 89-103.
- Almeida, Robinson Mascarenhas, e Mucheroni, Marcos Luiz. Arquitetura da informação, design instrucional e desenvolvimento de recursos educacionais abertos (REA's): proposta de configuração de uma nova ecologia da informação. *Anais do XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documento e Ciência da Informação*: Florianópolis, FEBAB, 2013.
- Association of College & Research Libraries. “Roles and strengths of teaching librarians”. ACRL, 2017, <https://www.ala.org/acrl/standards/teachinglibrarians>. Acessado 16 dez. 2023.
- Bardin, Laurence. “Análise de conteúdo”. Edições 70, 2016.
- Barreiro, Rommulo Mendes Carvalho. “Um breve panorama sobre o design instrucional”. *EaD em Foco: Revista Científica em Educação a Distância*, vol. 6, no. 2, 2016, pp. 61-75, doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v6i2.375>. Acessado 22 fev. 2021.
- Behar, Patricia Alejandra, organizadora. “Modelos pedagógicos em educação a distância”. Artmed, 2009.
- Blattmann, Ursula, e Rados, Gregório Jean Varvakis. “Direitos autorais e internet: do conteúdo ao acesso”. *Revista Online da Biblioteca Joel Martins*, vol. 2, no. 3, 2001, pp. 86-96, <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/583/598>. Acessado 20 fev. 2022.
- Brasil. Ministério da Educação. *Referenciais de qualidade para educação superior a distância*. Ministério da Educação, 2007.
- Castro Filho, Claudio Marcondes de. “As competências, os perfis e os aspectos sociais do bibliotecário na educação”. *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, vol. 14, no. 2, 2016, pp. 247-261, doi: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v14i2.8643650>. Acessado 21 fev. 2021.
- Coelho, Clara Duarte, e Conceição, Valdirene Pereira da. “Serviço de extensão bibliotecária: do uso aos sentidos uma retrospectiva histórica”. *Revista PerCursos*, vol. 15, no. 29, 2014, pp. 57-78, doi: <http://dx.doi.org/10.5965/1984724615292014057>. Acessado 08 jun. 2023.
- Cordeiro, E. C. A., e Dimário, C. J. K. Competência social do bibliotecário: uma reflexão. *Anais do XV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias*: São Paulo, CRUESP, 2008.
- Cunha, Murilo Bastos da, Amaral, Sueli Angelica, e Dantas, Edmundo Brandão. “Manual de estudo de usuários da informação”. Atlas, 2015.

- Girard, Carla Daniella Teixeira *et al.*, Responsabilidade social da biblioteconomia, das bibliotecas e dos(as) bibliotecários(as): pensando sobre a intersecção no contexto da pandemia e infodemia. *Ciência da Informação em Revista*, vol. 10, no. 1/3, 2023, pp. 1-20, <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/13927/10853>. Acessado 20 ago. 2023.
- Hubner, Marcos Leandro Freitas, e Kuhn, Ana Carolina Araújo. “Bibliotecas universitárias como espaços de aprendizagem”. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, vol. 31, no. 1, 2017, pp. 51-72, doi: <https://doi.org/10.14295/biblos.v31i1.6509>. Acessado 20 fev. 2021.
- Instituto Rui Barbosa. *O ensino a distância pós-pandemia veio para ficar*. Instituto Rui Barbosa, 2022, <https://institutoruibarbosa.com.br/ficaadica/o-ensino-a-distancia-pos-pandemia-veio-pra-ficar/>. Acessado 08 jun. 2023.
- Lima, Willams dos Santos Rodrigues, *et al.*, “A educação a distância e o processo de ensino-aprendizagem: desafios e possibilidades”. *Em Rede Revista de Educação a Distância*, vol. 13, no. 1, 2016, pp. 51-64, doi: <https://doi.org/10.53628/emrede.v3i1.86>. Acessado 11 abr. 2020.
- Lucca, Djuli Machado de, Pinto, Marli Dias de Souza, e Vitorino, Elizete Vieira. “Educação de usuários e competência em informação: interlocuções teóricas e práticas”. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, vol. 15, no. 1, 2019, pp. 170-193, <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1160>. Acessado 19 ago. 2023.
- Machado, Raquel Bernardete, Vianna, William Barbosa, e Matias, Márcio. “Ciência da informação e usabilidade: relações conceituais fundamentais”. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, vol. 10, no. 2, set. 2019/fev. 2020, pp. 4-19, <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/134961>. Acessado 10 dez. 2023.
- Masetto, Marcos Tarciso. “*Competência pedagógica do professor universitário*”. 2. ed. rev., Summus, 2012.
- Moraes, Marielle Barros de. “A interdisciplinaridade da biblioteconomia a partir da sua historicidade curricular”. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 11, 2015. pp. 9-26, <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/554/412>. Acessado 08 jun. 2023.
- Moreira, Marco A., e Masini, Elcie F. Salzona. “A teoria cognitiva de aprendizagem”. *Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. Autoria de Moreira, Marco A., e Masini, Elcie F. Editora Moraes, 1982, pp. 7-25.
- Nóbrega, Paula Pinheiro da. *A atuação do bibliotecário na educação a distância online: cenário e contexto de Fortaleza*, 2018. Universidade Federal do Ceará, Mestrado dissertação.

- Nunes, Martha Suzana Cabral. “Bibliotecários e documentalistas na França: origens e percursos da formação do profissional da informação”. *Informação em Pauta*, vol. 1, no. 1, p. 79-97, 2016, doi: <https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v1i1.2016.2951>. Acessado 22 fev. 2021.
- OPAS. “*Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a covid-19*”: kit de ferramentas de transformação digital: ferramentas de conhecimento. OPAS, 2020.
- Oliveira, Antonio Jose Barbosa de, e Cranchi, Daniela Carvalho. “O papel da biblioteca universitária como espaço de afiliação estudantil e o bibliotecário como educador e agente inclusivo”. *Informação & Sociedade*, vol. 27, no. 2, 2017, pp. 35-47, <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/32654>. Acessado 21 fev. 2021.
- Oliveira, Carolina Maciel de *et al.*, “A aprendizagem criativa como um dos pilares para o curso de desenvolvimento profissional para educadores: universidades criativas em ação.” *E-Mosaicos*, vol. 11, no. 26, 2022, pp. 87-105, <https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/45398/42253>. Acessado 5 dez. 2023.
- Oliveira, Cristiane Neves de, e Matta, Alfredo Eurico Rodrigues. Repositórios virtuais como espaços para difusão dos resultados de projetos de pesquisa e extensão universitária: uma proposta socioconstrutivista. *Anais do 25 Congresso Internacional ABED de Educação a Distância: Poços de Caldas*, ABED, 2019.
- Oliveira, João Augusto Dias Barreira e, e Jorente, Maria José Vicentini. “Design da informação e sua relevância para a ciência da informação”. *Encontros Bibli*, vol. 24, no. 54, 2019, pp. 25-37, <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2019v24n54p25/38072>. Acessado 20 fev. 2022.
- Otonicar, Selma Letícia Capinzaiki, Silva, Rafaela Carolina, e Belluzzo, Regina Celia Baptista. “A competência em informação (CoInfo) como um fator fundamental para a educação no Brasil”. *RICI: Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, Brasília, vol. 11, no. 1, jan./abr. 2018, pp. 23-41.
- Reimer, Marilene, e Zagonel, Rosa M. “A indissociabilidade consciente: uma reflexão sobre o cotidiano da docência”. *Extensão em Foco*, no. 9, 2014, pp. 50-60, doi: <http://dx.doi.org/10.5380/ef.v0i9.38916>. Acessado 21 fev. 2021.
- Rodrigues, Jucyara da Silva, e Costa, Francisca Carine Farias. “Desafios e perspectivas do bibliotecário normalizador de trabalhos acadêmicos”. *Revista Bibliomar*, vol. 22, no. 1, jan./jun. 2023, pp. 35-52, <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar/article/view/20840>. Acessado 16 dez. 2023.

- Rowe, Diva Ester Okazaki. “Perspectivas do ensino-aprendizagem e habilidades necessárias ao administrador: um estudo de caso.” Adagro, 2004, <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25453>. Acessado 19 ago. 2023.
- Santos, Júlio César Furtado dos. “O desafio de promover a aprendizagem significativa”. pp. 1-6, [20--], <https://www.juliofurtado.com.br/textodesafio.pdf>. Acessado 08 jun. 2023.
- Sapienza, Graziela, Aznar-Farias, Maria, e Silveiras, Edwiges Ferreira de Mattos. “Competência social e práticas educativas parentais em adolescentes com alto e baixo rendimento acadêmico”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 22, no. 2, 2009, pp. 208-213, <https://www.scielo.br/j/prc/a/vMG7FbmB3V5Zsd7ChFnwsLk/abstract/?lang=pt>. Acessado 17 dez. 2023.
- Silva, Ana Lúcia da, *et al.*, “Teletrabalho e a atuação do profissional bibliotecário: relatos de experiências, caminhos e perspectivas com apoio das tecnologias de acesso livre”. *RevIU: Revista Informação & Universidade*, vol. 2, 2020, pp. 1-13, <http://reviu.febab.org.br/index.php/reviu/article/view/29>. Acessado 20 fev. 2021.
- Silva, Gesiele Farias da, e Gallotti, Monica Marques Carvalho. “O papel da biblioteca e do bibliotecário na educação a distância: caso na Biblioteca Sebastião Názaro do Nascimento no Instituto Federal do Rio Grande do Norte”. *Conhecimento em Ação*, vol. 4, no. 2, 2019, pp. 89-110, <https://doi.org/10.47681/rca.v4i2.30201>. Acessado 20 fev. 2021.
- Silva, Margarete Bernardo Tavares, *et al.*, “Extensão universitária: oportunidade de aprendizagem significativa para acadêmicos de enfermagem através da construção do conceito de determinantes sociais de saúde”. *Revista Conexão UEPG*, vol. 12, no. 3, 2016, pp. 462-475, <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/8664/5418>. Acessado 21 fev. 2021.
- Soares, Laura Valladares de Oliveira, Luce, Bruno Fortes, e Estabel, Lizandra Brasil. “A implementação da alfabetização midiática e informacional pelo bibliotecário no âmbito das bibliotecas escolares.” *Ciência da Informação*, vol. 51, no. 3, 2022, pp. 159-172, <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/5985>. Acessado 19 ago. 2023.
- Sapienza, Graziela, Aznar-Farias, Maria, e Silveiras, Edwiges Ferreira de Mattos. “Competência social e práticas educativas parentais em adolescentes com alto e baixo rendimento acadêmico.” *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 22, no. 2, 2009, pp. 208-213, <https://www.scielo.br/j/prc/a/vMG7FbmB3V5Zsd7ChFnwsLk/#>. Acessado 20 ago. 2023.

- Vale, Helena Cristina Pimentel do, *et al.*, “Condições de acesso a informação no contexto do polo de educação a distância da Universidade Aberta Do Brasil”. *ReDoc*, vol. 2, no. 1, 2018, pp. 39-68, <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/30655/23584>. Acessado 08 jun. 2023.
- Vianna, Agatha. Panorama da pesquisa universitária no Brasil: angústias e proposições. *Criar Educação*, vol. 5, no. 1, 2015, pp. 1-15, <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/1431/2131>. Acessado 20 fev. 2021.
- Vignali, Carolina. *Tripé universitário*: princípio da indissociabilidade: a tríade que rege o ensino, pesquisa e extensão nas IES. Unesp, 2020, <https://www.faac.unesp.br/#!/noticia/1873/tripe-universitario>. Acessado 21 fev. 2021.
- Villalobos, Ana Paula de Oliveira, e Silva, Daniel Cerqueira. As potencialidades da web semântica para a ciência da informação, *Ponto de Acesso*, vol. 4, no. 2, 2010, pp. 58-75, <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/79484>. Acessado 20 ago. 2023.
- Xavier, Antonio Carlos. “Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da geração Y”. *Calidoscópio*, vol. 9, no. 1, 2011, pp. 3-14, <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/748/149>. Acessado 08 jun. 2023.

---

Copyright: © 2023 NOBREGA, Paula Pinheiro da; FARIAS, Gabriela Belmont de; SILVA, Andréa Soares Rocha da. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons CC Attribution-ShareAlike (CC BY-SA), which permits use, distribution, and reproduction in any medium, under the identical terms, and provided the original author and source are credited.

---

Received: 09/06/2023

Accepted: 17/12/2023